

O Fait divers como legendificação do real A lenda de Maria degolada, santa prostituta

Fait divers as legendification of the real The legend of Maria degolada, santa prostituta

Fait divers como legendificación de lo real La leyenda de Maria degolada, santa prostituta

DOI: 10.55905/rmuscv2n1-002

Recebido: 23/02/2024

Aceito: 25/03/2024

Sylvie Dion¹

RESUMO

No conjunto do Brasil existem diversas santas que são o objeto de um culto popular chamado de santas prostitutas. Todas eram jovens e belas mulheres de vida fácil que conheceram um fim trágico. Vítima de um crime passionai, na Porto Alegre do século XIX, Maria Francelina Trench, jovem prostituta, foi brutalmente assassinada pelo seu amante nos seus vinte e poucos anos. Se de um lado o homicídio aconteceu realmente, de outro ele aparece só a partir de representações. Esse testemunho é uma construção, narrando de modo dramático e espetacular os fatos. Nas palavras de Jean-Bruno Renard: “(...) o fait divers é uma legendificação do real e a lenda é um fait divers imaginário”. (RENARD, 2002). A lenda de Maria Degolada vai tornar-se o eco popular desse fait divers. Propomos discutir o papel póstumo dessa mulher assassinada, e analisar como, a partir de sua morte trágica, a palavra coletiva vai elaborar uma hagiografia transformando uma prostituta em santa.

Palavras-chave: Fait divers, lenda, santa, fantasma.

ABSTRACT

Throughout Brazil there are several saints who are the object of a popular cult called holy prostitutes. They were all young, beautiful women with an easy life who met a tragic end. Victim of a crime of passion, in 19th century Porto Alegre, Maria Francelina Trench, a young prostitute, was brutally murdered by her lover in her early twenties. If on the one hand the murder really happened, on the other it only appears through representations. This testimony is a construction, narrating the facts in a dramatic and spectacular way. In the words of Jean-Bruno Renard: “(...) the fait divers is a legend of the real and the legend is an imaginary fait divers”. (RENARD, 2002). The legend of Maria Degolada will become the popular echo of this fait divers. We propose to discuss the posthumous role of this murdered woman, and analyze how, from her tragic death, the collective word will create a hagiography transforming a prostitute into a saint.

Keywords: Fait divers, legend, santa, ghost.

PhD em Literatura comparada, Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande - RS, Brasil,
E-mail: sylviedion@mikrus.com.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0919-1109>

RESUMEN

En todo Brasil existen varias santas que son objeto de un culto popular llamado santas prostitutas. Todas eran mujeres jóvenes y hermosas con una vida fácil que tuvieron un final trágico. Víctima de un crimen pasional, en el Porto Alegre del siglo XIX, María Francelina Trench, una joven prostituta, fue brutalmente asesinada por su amante, de poco más de veinte años. Si por un lado el asesinato ocurrió realmente, por otro sólo aparece a través de representaciones. Este testimonio es una construcción, narrando los hechos de forma dramática y espectacular. En palabras de Jean-Bruno Renard: “(...) el fait divers es una leyenda de lo real y la leyenda es un fait divers imaginario”. (RENARD, 2002). La leyenda de María Degolada se convertirá en el eco popular de este hecho. Proponemos discutir el papel póstumo de esta mujer asesinada, y analizar cómo, a partir de su trágica muerte, la palabra colectiva creará una hagiografía que transformará a una prostituta en santa.

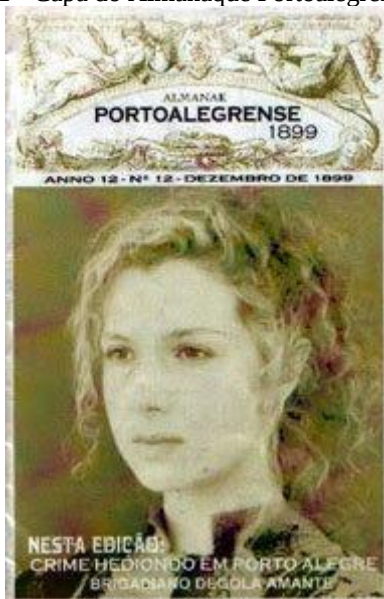
Palabras clave: Buzos de fe, leyenda, papa noel, fantasma.

1 O FAIT DIVERS

Os faits divers são práticas discursivas que narram a história de pessoas comuns que viveram acontecimentos fora do comum. Pessoas comuns das quais pouco se falaria fora desses relatos. Estreitamente ligados à realidade e ao vivido, os faits divers apresentam-se sob a aparência de uma história verídica e extraordinária que diante do cotidiano, nos abrem as portas ao desconhecido, ao macabro e ao mistério. Associados ao horror, estes relatos têm frequentemente por temas as mortes violentas, os assassinatos hediondos, os suicídios chocantes. “História sem sujeito real, ou onde os sujeitos perderam toda a substância objetiva, o “fait divers” é nesse sentido um “ato cênico”, ele deve ser acontecimento passado, ele deve ter perdido sua realidade, para poder ser rejeitado dentro do imaginário coletivo” (Maffesoli, 1998, p.92).

O assassinato da jovem Maria Degolada e os crimes do açougue humano da rua do Arvoredo, são sem dúvida os faits divers do século XIX mais notórios da cidade de Porto Alegre, faits divers que se tornaram lendas.

Figura 1 - Capa do Almanaque Portoalegrense 1899



Fonte: RIO GRANDE DO SUL – a história de Maria Degolada. In TOQUEHISTORIA. 19 de maio 2015. Disponível em <https://toquehistoria.wordpress.com/2015/05/19/a-historia-de-maria-degolada/> Acesso em : 20 outubro 2019

Em novembro de 1899, Maria Francelina Trenes, 21 anos, de origem alemã, foi brutalmente assassinada por seu companheiro Bruno Soares Bicudo durante um piquenique, em Porto Alegre, no Morro do Hospício, atual bairro Partenon. Pouco se sabe da vida de Maria Degolada senão que ela era prostituta. Segundo Antonio Augusto Fagundes, existem várias versões da lenda da Maria Degolada chamada também de Maria da Conceição ou Maria Francelina. A versão mais frequente apresenta a vítima como uma jovem moça frívola, amante de um militar ciumento. A lenda conservou mais os detalhes do fait divers do que o que precede o evento.

Essa é a história de Bruno Soares Bicudo e Maria Francelina Trenes. Um belo casal de jovens apaixonados em pleno século 19. Bruno era um soldado da brigada militar gaúcha e nutria um grande amor por sua namorada, a Maria. Um belo dia, Bruno resolveu marcar um piquenique com os amigos. O dia escolhido foi 12 de novembro de 1899 e o local, um morro que ficava onde hoje é o bairro Partenon, nas proximidades do Hospital Psiquiátrico São Pedro. Por esse motivo, o morro era chamado carinhosamente de "Morro do Hospício" (...)

No dia em questão todos compareceram acompanhados de suas respectivas namoradas e iniciaram uma bela festa. Apenas ninguém imaginava que ela acabaria em tragédia.

Em um determinado momento Bruno começou a agir de forma estranha. Os amigos relataram que ele começou a falar coisas desconexas. Seu olhar mudou e se voltou à Maria. Logo eles iniciaram uma pequena discussão na frente de todos. Envergonhada pela situação, Maria o chama para longe dos amigos e tentar resolver o imbróglio.

O tempo passa e os amigos começam a estranhar a demora do casal e partem a procurá-los. Eis que, a cena que encontram, não poderiam imaginar nem nos seus maiores pesadelos (...)

Perto de uma grande figueira, jazia o corpo de Maria Francelina. Com a garganta cortada e toda ensanguentada, seu corpo ainda se debatia. Ao seu lado estava Bruno, segurando uma faca ainda apresentando o olhar estranho de antes.

Seus amigos, que também eram soldados, tentaram desarmá-lo sem sucesso. Temendo por suas vidas, acabaram chamando reforços. Ao ver que a prisão era inevitável, Bruno tentou ainda suicídio, mas foi imobilizado e levado para a prisão do quartel.

Já preso, Bruno clamava que nada lembrava do ocorrido. Seus esforços em se livrar da pena foram em vão. Foi condenado a 30 anos de prisão onde acabou falecendo 7 anos depois. (...)

(MARIA DEGOLADA. In: Casossobrenaturais. 21 dez. 2008. Disponível em: <http://casossobrenaturais.blogspot.com/2008/12/maria-degolada.html>. Acesso em: 20 out. 2018)

A forma brutal e chocante da execução da vítima vai rapidamente lhe conceder seu nome póstumo: Maria Degolada. Ao decorrer do tempo, a palavra coletiva vai elaborar uma hagiografia transformando a prostituta Maria Francelina em santa popular. A lenda de Maria Degolada vai se tornar o eco popular desse fait divers e o local do acontecimento passou a ser chamado de Morro da Maria Degolada.

2 A LENDA

Santa, santa, sempre santa, e degolada,
Vem e protege essas almas desgraçadas,
Só você, santa degolada, Maria,
Tem a graça, tem o dom, tem valia,
De, com rosas, flores e espelhos,
Nos atender com teu derramado sangue vermelho.
(RITER, 2010, p. 44)

Em seguida de seu assassinato, Maria Francelina, agora chamada pela população local de Maria Degolada, começou a aparecer perto da figueira sobre forma de uma luz ou de uma dama de branco gemendo e chorando.

Na mentalidade popular, o retorno do espírito do morto está intimamente ligado ao cerimonial da morte, último rito de passagem. A morte ideal, a passagem da vida até o falecimento é considerada como progressiva e é do dever de os vivos assegurar ao morto pelo ritual essa passagem em direção a sua nova vida. A última separação estava ligada a ideia da boa morte, da morte lenta, consciente e esperada em companhia do padre e dos

próximos. Os acidentes, afogamentos, suicídios e assassinatos que implicavam uma morte repentina sem padre, sem sacramento eram temidos.

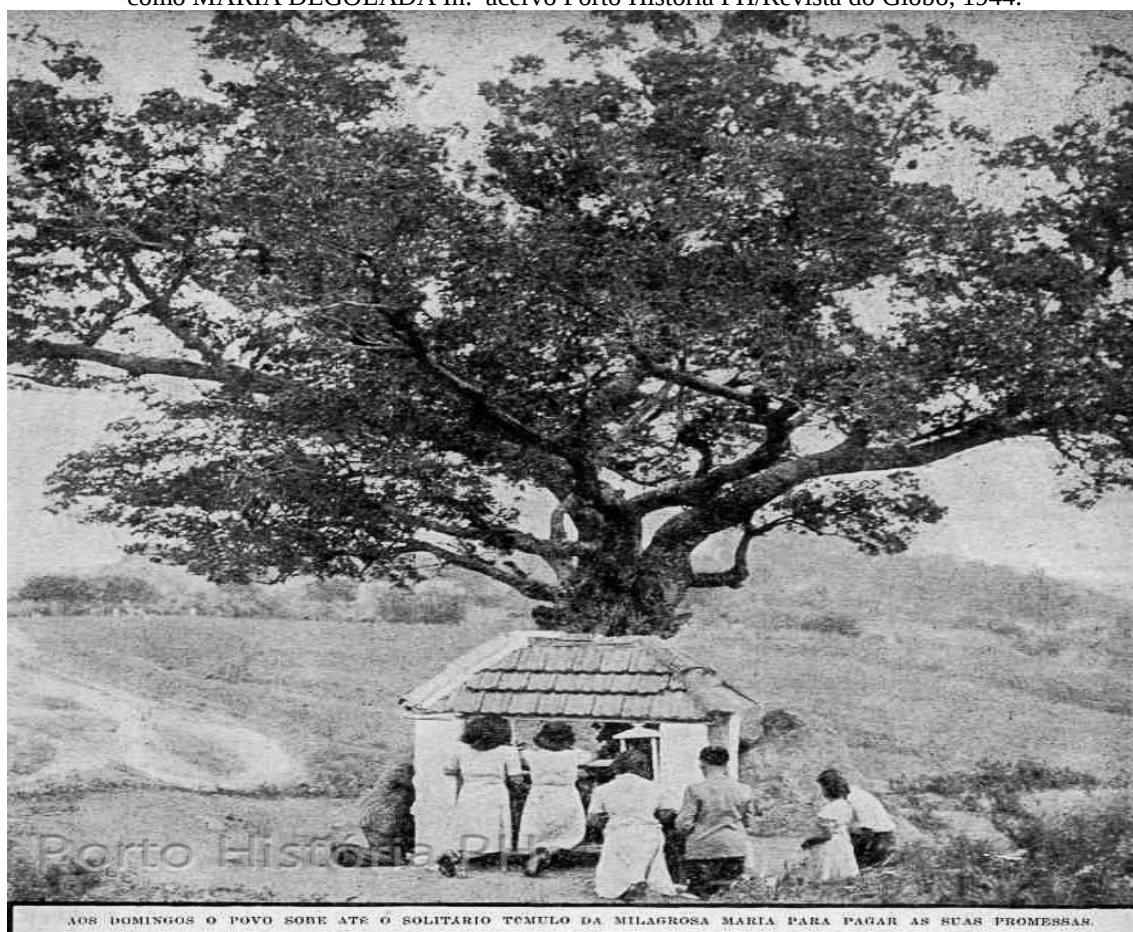
Assassinados, crianças mortas sem batismo, pessoas de más reputações (excomungados, heréticos, bêbados, prostitutas) que teriam morrido em circunstâncias não habituais e violentas, esses defuntos eram os mais suscetíveis a voltar a assombrar o mundo dos vivos e os locais do crime. Os arredores do lugar onde foi assassinada Maria Francelina ficaram mal-assombrados. “[...] junto à figueira, em certas noites, começou a aparecer uma luz tremulante, errante” (FAGUNDES,2003 P,83).

Assim vai nascer a lenda da Maria degolada, “Santa Prostituta” (FAGUNDES,2003) ou “Santa de Cemitério” (PEREIRA,2005).

Nas noites de céu limpo e de lua brilhante, um vulto de mulher, vestida de noiva, costuma passear entre os casebres miseráveis da Vila Maria da Conceição. Ela anda com a mão direita segurando a garganta e solta gemidos de dor. Os moradores da vila já se acostumaram com ela. E não a chamam de fantasma, mas de santa (Schmit, 1986, p. 26)

Pouco a pouco as populações na periferia de Porto Alegre começaram a considerar Maria Degolada como uma santinha que acolhia as demandas e as preces dos mal-afortunados. Depois de uma sessão de espiritismo realizada na proximidade do local do crime, o boato correu que a jovem mulher não queria que se lembrassem dela como Maria Degolada, mas como Maria Francelina ou Maria da Conceição. Nesta época um pequeno vilarejo começava a nascer sobre a colina e o povo do vilarejo, na ocasião de uma reunião, ergueu uma pequena capela em memória da jovem assassinada que ainda hoje é visitada por muitas pessoas que vêm pedir favores principalmente relacionados a amores perdidos ou contrariados e a mágoas do amor.

Figura 2 - Foto: Carlos Contursi – Capela em homenagem a Maria Francelina Trenes, mais conhecida como MARIA DEGOLADA In: acervo Porto História PH/Revista do Globo, 1944.



Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/PortoHistoria.PH/photos/em-1899-maria-francelina-trenes-uma-imigrante-alema-pobre-que-trabalhava-como-pr/998791503571000/>. Acesso em 20 out. 2019.

A crença popular quer que Maria Degolada receba demandas de todos, exceto de policiais. Com lembra essa lenda encontrada na internet:

Conta (...) que um belo dia, um policial visitou a capela e fez um pedido para Maria Degolada. Queria conquistar uma antiga paixão. Ao sair do local e descer o morro, ele foi brutalmente assassinado por um interno que havia escapado do Hospital psiquiátrico. Foi quando ficou claro as regras da "santa". Atende todos os pedidos de seus devotos...Com exceção dos policiais!!! (MARIA DEGOLADA. In: ALÉM DO TUMULO. 14 de agosto de 2009. Disponível em: <http://alemdotumulo.blogspot.com/2009/08/maria-degolada-materia-especial-para.html>. Acesso em: 20 out. 2019)

Maria degolada não é um caso isolado de canonização popular. No Brasil existem diversas santas que são o objeto de um culto chamado “as santas prostitutas” devido a sua ocupação durante sua vida terrestre. Todas eram jovens e belas mulheres, charmosas, reconhecidas como caridosas em relação aos mais desprovidos, distribuindo bombons, chocolates, dinheiro, remédios a quem precisava, mas “de vida fácil”. Jovens mulheres

vulgares para época, maquiadas, usando vestidos de noite escandalosos, tendo joias e acessórios de luxo que fumavam cigarro e tomavam cachaça em companhia de homens. Todas conheceram um fim trágico. Geralmente elas foram assassinadas por um amante ciumento, em muitos casos policial ou militar.

No Rio Grande do sul o estudo de Fagundes sobre as Santas prostitutas analisa três casos: Maria Degolada, Maria do Carmo e Maria Isabel. Esse três faits divers gaúchos reúnem elementos instigadores necessários para uma futura canonização popular: a prostituição, a bondade, a morte trágica pelas mãos de uma agente da paz e da ordem e os milagres (FAGUNDES, 2003). Embora sua marginalidade evidente, elas pareciam toleradas e integradas a vida social, sobretudo nas camadas populares em virtude de sua compaixão em relação aos pobres e desprovidos como testemunha uma informante de Antonio Augusto Fagundes perto da capela da santa popular Maria do Carmo de São Borja “diz que era uma mulher da vida, mas era uma das nossas” (FAGUNDES, 2003, p. 67).

Maria do Carmo de São Borja, cidade fronteira com a Argentina, conheceu um fim particularmente cruel. Prostituta que gostava um pouco demais da cachaça ela foi assassinada e depois esquartejada por um militar ciumento na saída de um baile por volta de 1890. Maria Isabel originária de São Gabriel, dita a “Guapa” era uma bela cigana, proprietária de um bordel e era amante de um homem casado, rico proprietário da região. “Jovem, bonita e com dinheiro a vontade para gastar, tinha, contudo, um coração enorme, ajudando até as obras da Igreja” (FAGUNDES, 2003, P 72). Ela teria sido assassinada por um matador de aluguel a pedido da esposa traída. O crime chocou a população que considerava Maria Isabel como uma espécie de protetora dos pobres. Pouco depois de sua morte, ela foi espontaneamente canonizada pelo povo, lhe foram atribuídos milagres e lhe construíram uma capela perto de sua sepultura no cemitério da cidade.

Imediatamente depois de suas mortes trágicas, elas se tornam mártires e então santas populares enfim liberadas do peso de sua vida terrestre continuando após a morte a praticar pelo milagre, a caridade em relação aos indigentes. Geralmente a população ergue uma pequena capela no lugar do drama onde os fiéis vêm rezar, pedir graças e oferecer presentes e ex-votos em agradecimento dos favores obtidos.

Algumas delas vão conhecer um destino duplo no além. De fato, apesar de se tornar santa popular de inspiração católica bem que não reconhecida oficialmente pela igreja, algumas serão recuperadas pelas religiões afro-brasileiras umbanda e candomblé,

virando pomba-gira, exu feminino. Segundo Reginaldo Prandi as pomba-gira fazem parte do panteão das entidades que trabalham a esquerda ou seja que podem ser invocadas para trabalhar para o mal. Então, pomba-gira é o espírito de uma mulher que de seu viver era uma prostituta ou uma cortesã, mulher da vida, capaz de dominar os homens pelo sexo, amante de luxo, de dinheiro, da bebida e de todos os prazeres. Nas populações urbanas pobres, é frequente chamar a ajuda dos serviços da pomba-gira para solucionar problemas amorosos ou sexuais se bem que esta entidade seja aberta a todo tipo de demanda.

3 CONCLUSÃO

O Crime da Maria Degolada, ganhou na época grande repercussão nos jornais da capital gaúcha. Como lembra o antropólogo Carlos Alberto Steil até hoje Maria Degolada é lembrada:

Embora tenha como referência um evento histórico, Maria Degolada se perpetua na memória popular, na crônica social, nos livros didáticos de história e nas artes cênicas por meio das múltiplas e contraditórias versões que vem sendo narradas ao longo de mais de um século (STEIL; TONIOL, 2012, p211)

Maria Degolada, assim como as outras santas prostitutas do Rio Grande do Sul, embora sendo mulher de má vida se tornou santa a partir de seu assassinato. Vítima, seu estado marginal parece ser espontaneamente encoberto. As histórias de santas prostitutas têm todas como origem um fait divers. Esses dramas vividos, retirados da vida privada de jovens mulheres do povo, uma vez transformados em lendas, as tirarão do anonimato. Maria Degolada, como as outras santas populares, era antes de tudo prostituta. A partir de sua morte trágica, bem longe do ideal cristão da boa morte, a mentalidade popular transformará esta mulher em ser sobrenatural.

Para o sociólogo Georges Auclair (1970, p. 183) a atração, o poder de fascinação dos faits divers, o que se qualifica frequentemente de curiosidade mórbida

[...] evoca os sentimentos mais arcaicos do homem: pela visão, pelo toque, pela posse de um objeto ou, às vezes, pela simples leitura, assimilar-se um pouco da aura do trágico ou do sangrento, seria virtualmente inverter o signo, de maléfico torná-lo possivelmente benéfico.

Se de um lado o homicídio é real, de outro ele aparece só a partir de representações. Na origem, há um acontecimento sócio histórico que narra uma transgressão. Este acontecimento será relatado uma primeira vez no jornal. Nós teremos dele uma primeira marca escrita, um primeiro testemunho. Paralelamente a sua vida

“escrita”, o relato terá também uma vida “oral”. As pessoas contarão umas às outras. O relato será, pouco à pouco enriquecido de relatos similares.

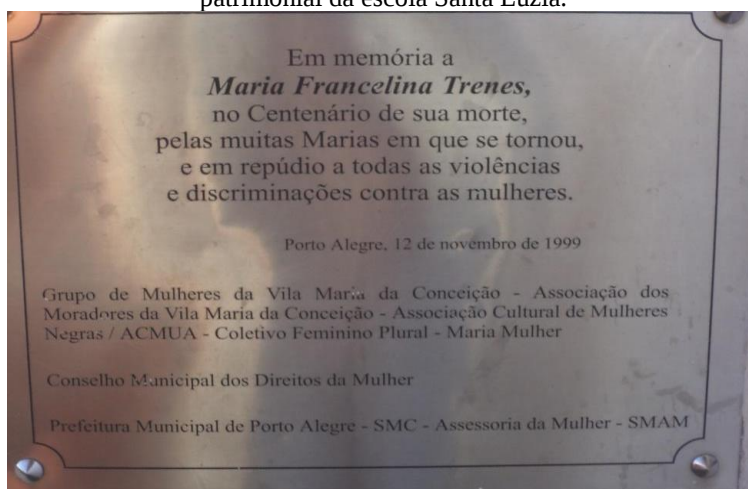
O acontecimento uma vez reinterpretado, transmitido, retransmitido, desembocará num conjunto de lendas bem articuladas que vão se tornar a reverberação dos fatos. Neste sentido, a narração cumpriria a função de um modelo que permite situar no âmbito das experiências passadas os eventos no momento presente. A lenda é, de certo modo, uma apropriação da história, nos colocando como os membros da comunidade perceberam os acontecimentos históricos, grandes e pequenos.

O fenômeno de santificação popular não é exclusivo do Brasil. Todavia, as santas prostitutas se desmarcam notavelmente das vidas virtuosas que conduzem habitualmente a santidade. A solidariedade das pessoas simples em relação a uma jovem do povo que eles reconhecem com uma das suas sem importar a sua profissão parece vencer sobre a moral cristã. Assim a jovem prostituta degolada no século XIX, fantasma e santa assombrada no século XX se tornará no século XXI na vila Maria da Conceição o símbolo das mulheres vítimas de violência como lembra essa reportagem do jornal Zero hora do 28 fevereiro 2001(p.7)

Maria Francelina, desperta a fé e a imaginação no morro Maria da Conceição, um bairro popular da zona leste da Capital. Há quem a tenha visto ora vestida de noiva, ora com a mão ao pescoço. [...] Para as mulheres da vila, a Degolada é mais que uma santa -é um símbolo.

-A gente se apegava a Francelina principalmente porque ela foi como muitas de nós, mulheres que sofrem escondidas. Estava longe de ser santa, mas estava bem próxima de nós –explica Maria Luisa Santos do Grupo de mulheres da Vila Maria da Conceição. (ZERO HORA do 28 fevereiro 2001 p.7)

Figura 3 - GRUTA DA MARIA DEGOLADA. In: O PODER DA MEMÓRIA, projeto de educação patrimonial da escola Santa Luzia.



16 de set. 2012 Disponível em: <http://opoderdamemoria.blogspot.com/2012/09/gruta-da-maria-degolada.htm>. Acesso em: 20 de out. 2019

Neste artigo, queríamos traçar o destino póstumo de uma jovem assassinada e entender como, a partir de sua morte trágica, a palavra coletiva elabora uma hagiografia transformando uma prostituta em santa, denunciando o crime e imortalizando sua vítima. Maria degolada não é um caso isolado de feminicídio no século XIX que se tornou uma lenda popular, Maria do Carmo de São Borja, Maria Bueno de Curitiba, por exemplo, consideradas como entidades históricas e folclóricas, tiveram um destino semelhante e são até nossos dias lembradas. Certamente, há muitos casos em cada região do Brasil que seria interessante estudar no futuro, fazendo um mapeamento desse fenômeno das santas prostitutas. Como recorda a placa em homenagem a Maria Degolada, em memória *“pelas muitas Marias em que se tornou, e em repúdio a todas as violências e discriminações contra mulheres”*.

REFERENCIAS

AUCLAIR, Georges. ***Le mana quotidien: structures et fonctions de la chronique des faits divers***. Paris : Anthropos, (Coll. sociologie et connaissance), 1970

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, ***Maria degolada, mito ou realidade?*** Porto Alegre: Edições EST, 1994

BERGERON, Bertrand, ***No reino da lenda***, A literatura na história, A história na literatura, Rio Grande: editora da Furg, 2013

BRISSON, Réal, ***La mort au Québec***. Québec: Celat, 1988

CAMPION-VINCENT, Véronique et Jean-Bruno Renard (éds.), ***Rumeurs et légendes contemporaines*** : communications 52, Paris : Seuil, 1990

CASCUDO, Luiz da Camara, ***Anthologia do Folklore Brasileiro***. São Paulo: Livraria Martins editora, 1954

CASCUDO, Luiz da Camara, ***Dicionário do Folklore Brasileiro***. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1954

DELUMEAU, Jean, ***La peur en occident***. Paris : Hachette 1978

DION, Sylvie, ***La légendification du fait divers: le cas de Marie-Joseph Corriveau, la pendue encagée*** : Canadart, Salvador : VXi, 2003, p11-24

FAGUNDES, Antonio Augusto, ***As Santas prostitutas***. Porto Alegre: Martins Livreiro ed, 2003

PRANDI Reginaldo, ***Herdeiras do Axé***. São Paulo: Hucitec, 1996

JOLLES, André, ***Formes simples***, Paris : seuil, 1972

MAFFESOLI, Michel, ***Une forme d'agrégation tribale***, Revue Autrement, Faits divers, nº98, Paris: abril 1998.

PEREIRA, José Carlos. ***Devoções marginais: interfaces do imaginário religioso***. Porto Alegre: Zouk, 2005

RITER, Caio, ***Maria Degolada, santa assombrada***, Porto Alegre: Edelbra, 2010

SÁEZ, Oscar Calavia, ***Fantasmas falados, mitos e mortos no campos religiosos brasileiro***: Editora da UNICAMP, 1996

SCHMIT, Augusto, ***Maria Degolada*** , Zero Hora, Porto Alegre: 31 de agosto, 1986:26.

STEIL, C. A, TONIOL, R, ***Maria Degolada: de mulher a santa e de santa a mulher***, Religiões e Religiosidades no Rio Grande do Sul., Porto Alegre: Editora UPF ,2012